



Memória Gráfica Brasileira – Da memória ao efêmero: o caso das capas de discos de vinil

Brazilian Graphic Memory - From memory to the ephemera: the case of the vinyl album covers

Shayenne Resende Reis ; Edna L. Oliveira Cunha Lima ; Guilherme Cunha Lima

Memória Gráfica Brasileira; Capas de Discos; Efêmeros, Design Gráfico

Este artigo é resultado das discussões e pesquisa da disciplina Memória Gráfica Brasileira no Programa de Pós Graduação em Design da ESDI / UERJ. Temos como objetivo geral explicar o campo de estudo da Memória Gráfica Brasileira e os conceitos que lhe são base: "memória" e "efêmero". O objeto de estudo deste trabalho, a capa de disco de vinil, é entremeado entre os conceitos da Memória Gráfica Brasileira. Para isso, trazemos para a base desta discussão as referências: "A Memória Coletiva" de Maurice Halbwachs, no debate sobre Memória, e "On graphic memory as a strategy for design history", de Priscila Farias, para as bases do campo de Memória Gráfica Brasileira. "The Long-Term significance of printed ephemera" de Michel Twyman e "Cinco Décadas de Litografia Comercial no Recife: Por uma História das Marcas de Cigarros Registradas em Pernambuco, 1875-1924", inserem as definições de Efêmero.

Brazilian Graphic Memory; Album Covers; Ephemera; Graphic Design

This paper is the result of discussions and research in the discipline Graphic Memory given in the Graduate Program in Design at the School of Industrial Design ESDI / UERJ, in the second half of 2014. We have as main objective to explain the field of the Brazilian Graphic Memory as well as the concepts that are based on: studies of "memory" and "ephemeral". The object of this work, the vinyl album covers, is lifted quantitatively, and interspersed between the concepts of Brazilian Graphic Memory. For this, we bring references to the basis of this discussion: "Collective Memory" by Maurice Halbwachs, to the debate on memory, and, "On graphic memory as a strategy for design history," by Priscilla Farias, for the foundation of the field Brazilian Graphic Memory. "The Long-Term significance of printed ephemera" by Michel Twyman and "Cinco Décadas de Litografia Comercial no Recife: Por uma História das Marcas de Cigarros Registradas em Pernambuco, 1875-1924", insert the definitions of Ephemeral.

1 Introdução

Este artigo é resultado das investigações da disciplina Memória Gráfica ministrada no Programa de Pós Graduação em Design da ESDI/UERJ, em 2014. Temos como objetivo geral explicar o campo da Memória Gráfica Brasileira e dois conceitos que lhe são base: "memória" e "efêmeros".

Discorreremos sobre o que forma o campo de estudo, a pesquisa e os objetos de estudo relacionados. Em seguida, detalhamos os conceitos específicos.

A partir das explanações do campo apresentamos no presente trabalho o objeto de estudo: capas de discos de vinil. Relacionamos o impresso aos conceitos abordados de forma a situá-lo nas pesquisas de Memória Gráfica Brasileira. O fluxo entre o objeto e as conceituações é contínuo (entremos um no outro). Procuramos responder questões como: "As capas de discos podem ser consideradas um objeto gráfico efêmero?", ou ainda, "Como as capas de discos podem ser inseridas nos estudos de Memória Gráfica Brasileira?"

Para isso, trazemos para a base desta discussão as referências: "A Memória Coletiva" de Maurice Halbwachs; "On graphic memory as a strategy for design history", de Priscila Farias. "The Long-Term significance of printed ephemera" de Michel Twyman e "Cinco Décadas de Litografia Comercial no Recife: Por uma História das Marcas de Cigarros Registradas em Pernambuco, 1875-1924". Dessa forma, tentamos concatenar os conceitos desenvolvidos por cada autor ao objeto de estudo.

2 Memória Gráfica - Da Memória ao Efêmero: o caso das Capas de Discos de vinil

Vários autores procuraram definir o que é a memória, o que a forma e como se relaciona com os diversos campos da sociedade. Vilém Flusser definiu que o homem tem dois tipos de memória, sendo a primeira, a memória genética, e a segunda, a cultural. A memória cultural é repassada diversificadamente por isso esse meio é complexo: não há diretriz estática que assegure que a memória cultural de um povo se mantenha.

Para Maurice Halbwachs, se aprofundar nos estudos de memória compreende tanto as dimensões sócio-culturais quanto as materiais. O autor define memória como "memória coletiva" e "memória individual" em que defende que a memória é sempre construída em grupos, contudo, é também, sempre um trabalho de sujeito (HALBWACKS, 1990). A memória individual não existe estritamente sozinha, ela sempre passa por contextos sociais, sendo assim o fluxo é contínuo entre o individual e o coletivo.

É interessante refletirmos sobre o estereótipo que o Brasil suporta: um país sem memória. Essa afirmação pode ser claramente refutada quando nos atentamos para a cultura material brasileira, em que encontramos artefatos de tipologia diversa que contam fatos da nossa memória coletiva. No esforço de reivindicar a memória coletiva brasileira, preservar e valorizar os artefatos gráficos para reconhecimento da identidade nacional situa-se o campo de estudo da Memória Gráfica Brasileira.

Priscila Farias (2014), no texto "On graphic memory as a strategy for design history", toma como medida metodológica a investigação do termo "memória gráfica" na internet (buscadores), para entender como o mesmo é usado. Após a pesquisa a autora aponta que a terminologia alcança diversos significados nas línguas inglesa e francesa, por exemplo a memória gráfica dos computadores. Outras relações também foram encontradas, mas todas distantes dos estudos em cultura visual e identidade nacional. Somente em português e espanhol foi possível achar referências que unam o termo memória gráfica ao campo do design gráfico e do impresso.

Dessa forma, observamos que a Memória Gráfica Brasileira é um campo de estudo recente mas que ainda assim, através de pesquisas qualificadas, se estabelece produtivamente com bases estruturadas. Apesar de não haver extensivo reconhecimento da área de estudo pelo público acadêmico, há atualmente pesquisadores motivados a encontrarem vestígios formadores da identidade nacional através do levantamento e tratamento de impressos. Estudar memória gráfica é atentar-se para o cotidiano. Ousamos dizer que é valorizar o corriqueiro, não no sentido de o que é sem graça ou vulgar mas no sentido de usual/habitual. Olhar para esses impressos é procurar sinais de vivências e costumes deixados pela sociedade do tempo ao qual pertenciam esses objetos.

Em meados de 2008, surgiu o primeiro projeto institucionalizando o termo Memória Gráfica Brasileira. Porém ressaltamos que antes de 2008 haviam estudos aprofundados sobre objetos gráficos efêmeros que ainda não eram considerados estudos em Memória Gráfica Brasileira. Como exemplo citamos: "Cinco Décadas de Litografia Comercial no Recife: Por uma História das Marcas

de Cigarros Registradas em Pernambuco, 1875-1924"; "Para Todos: J. Carlos designer." de Julieta SOBRAL; "História da capa de discos no Brasil" de Egeus Laus; "Nássara desenhista e Guevara & Figueroa, Caricatura no Brasil nos anos 20." de Cássio Loredano; O Gráfico Amador: as origens da moderna tipografia brasileira de Guilherme Cunha Lima; e ainda o livro "O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica", organizado por Rafael Cardoso, que contém nove ensaios de diversos autores da área do design que tratam desse tipo de material gráfico.

A Memória Gráfica Brasileira nasce junto à necessidade de valorizar a produção nacional de impressos. Objetiva-se em primeira instância reaver o legado do design brasileiro. As pesquisas na referida área não são limitadas pelo marco histórico da "criação" do Design no Brasil, na década de 1960, período em que o design começa a ser reconhecido como "conceito, profissão e ideologia" (CARDOSO, 2005). O recorte temporal toma forma a partir da produção existente dos objetos gráficos e das soluções gráficas geradas para a existência dos mesmos. É importante frisarmos que a Memória Gráfica Brasileira é um campo de estudo, mas dá nome também a um grupo de pesquisadores que "dentro das motivações deste grupo de pesquisadores, estão a afirmação de uma identidade para o design gráfico brasileiro através do inventário, análise e ações de preservação de artefatos gráficos." (LESCHKO et al, 2014).

Consideramos relevante levantarmos também uma questão chave dos estudos em Memória Gráfica Brasileira: os objetos de pesquisa. Recorremos ao trabalho de Nádia Leschko et al. (2014) para detalharmos esse ponto. Os autores relatam que os objetos de pesquisa são diversos e abarcam o universo gráfico brasileiro. Para além das características formais estes objetos são dotados de particularidades temporais, ou seja, refletem o tempo em que foram criados: "Esta é uma noção de objeto que vai além da análise gráfica e colabora para compor um panorama social, econômico e político do tempo e para a construção de uma história contada a partir dos objetos." (LESCHKO et al, 2014). Já Priscila Farias (2014) divide a relação do objeto de estudo com a memória gráfica em três áreas de estudo: Memória Gráfica e Cultura Visual; Memória Gráfica e Cultura Impressa; e Memória Gráfica e Cultura Material.

Estudar as capas de discos não se limita apenas ao campo técnico formal e de impressão mas revela traços da cultura e do consumo visual de uma época. Os discos de vinil foram largamente consumidos a partir dos anos 1950 se tornando um produto de relevância na cultura de massa. Várias capas se tornaram símbolo representativo da sua época trazendo influências diretas à cultura visual do tempo em que foram consumidas.

Investigar a manifestação gráfica nas capas de disco não se relaciona diretamente com os estudos tradicionais de Design. Muitas capas são encontradas apenas nas mãos de colecionadores, em sebos e em feiras, o que demonstra o fator de popularização deste material. É importante ressaltarmos esse ponto pois a motivação dos pesquisadores em memória gráfica parte também dos estudos de materiais gráficos desconhecidos ou negligenciados pelos estudiosos em design. Com a análise das capas é possível entendermos os aspectos projetuais do material gráfico (tipografia, ilustração, cores) e os processos de produção gráfica.

Percebemos com a pesquisa realizada de projetos de memória gráfica, no site da Memória Gráfica Brasileira e em artigos acadêmicos, a citação de trabalhos com coleção de imagens; foco nos artefatos populares e vernaculares; trabalhos com jornais, almanaques comerciais, revistas e efêmeros. Encontramos múltiplas vezes os objetos de estudo sendo intitulados como efêmeros. Muitos autores relacionam o trabalho no campo da memória gráfica aos efêmeros. Mas o que são efêmeros? A capa de disco é um objeto da cultura material inserido nos estudos de memória gráfica, como citamos anteriormente, mas será possível considerá-lo efêmero?

Primeiramente, buscamos o sentido literal de "efêmero" para compreensão do significado. Segundo o Dicionário de Significados da Língua Portuguesa "Efêmero é um termo de origem grega (em que "ephémeros" significa "apenas por um dia") usado para designar uma situação que dura pouco tempo." (Dicionário de Significados, 2011). A partir desta primeira elucidação, conseguimos vislumbrar significados para o conceito de objeto gráfico efêmero: projeto que foi feito para curta duração.

A fim de conceituar o termo em questão, investigamos definições que possam nos orientar diretamente à terminologia. Edna Cunha Lima define que os efêmeros são (1998, p. 07):

"Impressos humildes como embalagens, cartazes, letras de câmbio fazem parte de um mundo de impressos que se caracterizam por serem abundantes na época em que são impressos, desaparecendo logo a seguir, após serem jogados fora. Paradoxalmente são de grande valor até um momento, para no seguinte se tornarem inúteis, matéria para o lixo." (idem)

Ainda debruçados sobre esta obra nos deparamos com o inglês John Lewis, "autor responsável pela cunhagem do termo como de "vida breve" (LEWIS apud LIMA, 1998); e o americano "Maurice Rickards" que relata: " a palavra efêmero é usada para denotar os itens de papel transientes de todo o dia – a maior parte impressa – que são manufaturados especificamente para serem usados e jogados fora." (RICKARDS apud LIMA, 1998). John Lewis foi um dos primeiros pesquisadores a intentar-se para as questões de design deste tipo de objeto, adquirindo conhecimentos específicos sobre este tipo de material. Já Maurice Rickards aproximou-se destes objetos gráficos por meio do mercado de colecionador, uma vez que essa prática passou da área técnica e formal para relacionar-se sentimentalmente com os efêmeros (LIMA, 1998).

Recorremos ao trabalho "*The Long-Term significance of printed ephemera*" de Michel Twyman para aprofundarmos a conceituação do termo . O autor descreve que efêmero "Por extensão, é agora aplicado por pessoas como nós para descrever documentos que têm relevância apenas por um curto período de tempo, normalmente o dia ou dias do evento ou situação que eles se relacionam." (TWYMAN, 2008). Ele expõe que a dificuldade de sobrevivência dos efêmeros é uma herança herdada da falta de valorização dos impressos e afirma, ainda, que estes objetos gráficos deveriam estar no mesmo patamar de valorização (e acervo) que os livros. O autor descreve ainda que os objetos efêmeros são:

"entre eles reservas e impressão de jornal, jornal e revista impressa, impressos de segurança, de embalagens, artigos de papelaria, e impressão por encomenda. Algumas grandes categorias poderiam ser divididas ainda mais precisamente para revelar especialidades, por exemplo, livros acadêmicos, impressão de fotografias, impressão de fantasia, impressão folha de flandres, e da impressão de música, mapas, cartas de baralho, sacos de papel, etiquetas, bilhetes de transporte ferroviário..." (TWYMAN, 2008, p.48)

Inclinar-se aos estudos de efêmeros é ver surgir a possibilidade de cada objeto revelar uma história, seja ela em relação à impressão ou ao contexto no qual estava inserido, pois como cita Twyman (2008, p 26): "... efêmeros podem fornecer, particularmente, fascinantes vislumbres do passado," e isso é memória gráfica. A pesquisa com efêmeros lida também com signos desconhecidos (por estes serem de outras épocas) e a ausência de autoria dos projetos. Por isso trabalhar com este material é por vezes contar uma história sem heróis uma vez que não houveram registros desses ilustradores/gravadores/designers (TWYMAN, 2008).

Excluir os estudos com efêmeros é deixar de lado evidências que revelam dados que, talvez, documentos oficiais não revelem. As técnicas de impressão estão diretamente relacionadas com a produção desses materiais. Se existissem só impressos editoriais não haveriam tantas experimentações formais e de impressão nos objetos impressos. Twyman conclui que "a nossa compreensão de ambos, design gráfico e a tecnologia de impressão, seria grosseiramente incompleta se não levassemos em conta a vasta gama de impressos efêmeros que tem servido a sociedade ao longo dos últimos cem anos." (TWYMAN, 2008)

A capa de disco de vinil auxilia no aprendizado sobre cultura material e identidade nacional. Torna-se relevante apontarmos que a primeira função da capa foi proteger o disco musical. É possível afirmarmos que a capa neste momento fosse considerada um objeto efêmero, uma vez que ele não era feito para ter duração por longo tempo; o usuário poderia se desfazer do envelope e ficar só com o plástico que envolvia o disco. Sutilmente, as capas de discos de vinil passaram a ter nova função: representar a marca- da obra musical.

Mais tarde, foi incorporada às capas de discos a função de comunicar por meio dos elementos gráfico-visuais se desenvolvendo no mercado como produto gráfico. Nas capas dos

discos artistas e designers começaram a exprimir sua identidade através de linguagem gráfica tornando as capas dos discos brasileiros um produto gráfico fértil. Mudou-se a partir daí a relação com o usuário, pois a partir de agora essas capas eram um símbolo significativo de identificação para a aquisição dos discos.

Apesar disso, ainda caracterizamos as capas como impresso efêmero, não no sentido total do termo porque com os projetos gráficos a relação de tempo se alongou, mas no sentido da vernacularização desse objeto. Há uma quantidade significativa de pessoas que se desfizeram de seus discos com a modernização das mídias sonoras, logo o objeto só foi preservado por pessoas que tinham relação afetiva com o mesmo.

3 Considerações Finais

Estudar Memória Gráfica Brasileira não é trabalho simples mas é primoroso. Através dos autores das áreas de memória, design gráfico e história do design brasileiro concluímos que a Memória Gráfica Brasileira se institucionaliza baseada em conceitos maduros e com estudos relevantes. Os resultados desta pesquisa demonstram que definir Memória Gráfica Brasileira não é simplório pois envolve vetores como o design gráfico e a cultura material. Os impressos efêmeros, entre eles as capas de discos, valorizam o cotidiano e revelam 'brasilidade'. Os objetos de estudo, na área da Memória Gráfica Brasileira, mesmo tão distintos, convergem para um ponto em comum: consistem em valorizar as vivências do cotidiano, os atributos e significados da identidade nacional.

Para realizarmos este trabalho focamos em dois conceitos, memória e efêmero, de forma a situar as capas de disco de vinil na Memória Gráfica Brasileira. Através dos autores levantados e do caminho prévio de discussões com o corpo discente e docente do PPDESDI/UERJ conseguimos compreender que as capas de discos de vinil exprimem o valor e a informação do seu tempo, são efêmeros, e por isso, são objetos gráficos da Memória Gráfica Brasileira.

Referências

- CARDOSO, R. **O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960.** Org. Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- DAMÁZIO, Vera. **Design e Emoção: alguns pensamentos sobre artefatos de memória.** In: 7 Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Paraná, 2006.
- FARIAS, P. L. On graphic memory as a strategy for design history. In: **International Committee for Design History and Design Studies**, Aveiro, Portugal, 2014.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- LESCHKO, Nadia. Et al. Memória Gráfica Brasileira: notícias de um campo em construção. In: Anais do 11o Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2014, Gramado. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. v. 1, n. 4, p. 791-803, outubro, 2014.
- LIMA, Edna Cunha . **Cinco Décadas de Litografia Comercial no Recife: Por uma História das Marcas de Cigarros Registradas em Pernambuco, 1875-1924 .** Rio de Janeiro, RJ. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1998.
- TWYMAN, M. The Long-Term Significance of Printed Ephemera. **RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage.** v.9, n.1, p.19-57. 2008.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Shayenne Resende Reis, Mestranda em Design, UERJ, Brasil <shayreis@gmail.com>

Edna Oliveira Cunha Lima, PhD, PUC Rio, Brasil <ednacunhalima@gmail.com>

Guilherme Cunha Lima, PhD, UERJ, Brasil <gecunhalima@globo.com>